

A VIOLÊNCIA ATMOSFÉRICA NA LUANDA DE ONDJAKI

THE ATMOSPHERIC VIOLENCE IN LUANDA BY ONDJAKI

Antonio Eliano Juvencio da Silva¹

Sebastião Marques Cardoso²

DOI 10.11606/issn.1981-7169.crioula.2018.142363

RESUMO: Este artigo propõe uma análise sobre a violência descrita por Fanon (1997) dentro de um romance do escritor angolano Ondjaki, intitulado *Os transparentes* (2013). Traçando um paralelo entre a Argélia colonial e a Luanda representada no romance. Em nosso aporte teórico aparecem nomes como Homi Bhabha, Edward Said, Stuart Hall, Paulo Freire dentre outros.

ABSTRACT: This essay is about the atmospheric violence described by Fanon (1997) inserted in a novel by the angolan writer Ondjaki, entitled *Os transparentes* (2013). Tracing a parallel in between the Algeria and the Luanda represented in the novel. In our theoretical contribution appear names such as Homi Bhabha, Edward Said, Stuart Hall, Paulo Frei-

¹ Mestrando em Texto literário, Cultura e Crítica. Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da UERN. Título da pesquisa: A existência subalterna: A metáfora da transparência em Ondjaki.

² Orientador. Professor pós-doutorado em literatura, pesquisador pós-colonial na Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN).

re among others.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria Literária; Pós-colonialismo; Literatura Africana de Língua Portuguesa; Ondjaki.

KEYWORDS: Literary Theory; Postcolonialism; African Literature of Portuguese Language; Ondjaki.

INTRODUÇÃO

Na obra *Os transparentes* (2013), Ondjaki recria a atual cidade de Luanda, na qual, assim como em outras grandes metrópoles, habitam todas as classes sociais, mostradas através de personagens que são substanciais para fazerem dessa trama uma representação das sociedades surgidas em meio a colonização.

Nessa cidade de trânsito rizomático – disputado por viaturas ministeriais, motos de fabricação chinesa, *candongos* do transporte coletivo que circulam em condições legais ou mesmo fora da legalidade e transeuntes – vivem as pessoas em pleno processo de “globalização contemporânea” (HALL, 2003, p. 59), onde há uma homogeneização das relações sociais. Ricos e pobres, funcionários do alto e baixo escalão do governo, cambistas e quitandei-ras dividem o mesmo ambiente e se relacionam mediante suas respectivas atribuições de poder. Ou seja, o espaço/ambiente, onde os personagens se movimentam, não está

mais separado entre colonos e colonizados de maneira estrita, como fora no tempo da colonização. Agora, eles estão dividindo o mesmo espaço, mas isso, se por um lado enfraquece a dicotomia colonizado/colonizador apontada por Fanon (1997), não retira, entretanto, as estratégias de opressão e de inferiorização do Outro, bem como as suas consequências psicológicas, tão bem observadas por ele. Desse modo, acreditamos que o Fanon (1997) pode ainda nos ajudar na compreensão da narrativa de Ondjaki, sobretudo na caracterização dos personagens.

Observamos relações salientadas acima entre as personagens para entendermos como se manifesta a violência atmosférica de que fala Fanon (1997). Uma vez que aqueles sujeitos que exercem o abuso de autoridade sobre seus subordinados, com efeito transferem para o outro a opressão que sofrem daqueles que detém maior poder que eles na esfera da sociedade.

As relações de poder determinam quem é superior e quem é inferior. No cenário colonial, nas extremidades opostas dessa relação estavam o colono branco e o colonizado negro. O movimento de pós-colonialismo perpassa questões que são observadas no interior das sociedades “descolonizadas”. Problemas como subdesenvolvimento, marginalização, relações de poder que antes eram sentidos na tensão entre colonizador e colonizado no período colonial, permanecem neste novo cenário, não mais de maneira binária como ocorria, mas sentidas nas relações entre os

próprios habitantes da nação vivendo a modernidade tardia, entre as classes sociais, ricos e pobres.

O anseio do domínio sobre o outro aparece em vários momentos dentro da obra, assim como a supervalorização daquilo que é da Europa e dos Estados Unidos. Desse modo, apontaremos alguma correlação entre a hegemonia anglo-americana no mundo e o poder de dominação, mas principalmente, buscaremos mostrar como esse desejo de dominar se manifesta no convívio dos próprios angolanos representados em *Os transparentes* (2013).

A utilização da teoria fanoniana neste trabalho se deve aos conceitos chaves elaborados por ele – que conheceu de perto a realidade que descreveremos no desenvolvimento deste artigo – nos saltaram aos olhos durante a leitura crítica do romance de Ondjaki. Sobre isso, vejamos:

Frantz Fanon pertence a uma geração que passou, por duas ou três vezes, pela provação do desastre e, através da experiência de fim do mundo que toda a catástrofe consigo acarreta, indivisamente, pela provação do mundo. Poderia ter facilmente podido contar-se entre as inúmeras vítimas da segunda guerra mundial em que participou com dezanove anos de idade; e nunca teria sido questão de Pele negra, máscaras brancas, nem d'Os Condenados da terra. Conheceu a colonização, a sua atmosfera sangrenta, a sua

estrutura de asilo, o seu quinhão de feridas, os seus modos de arruinar a relação com o corpo, a linguagem e a lei, os seus estados inauditos, a guerra da Argélia. (MBEMBE, 2003, p. 11)

Esse autor elaborou sua teoria em plena realidade, no contexto em que vivia, como salienta o teórico citado: “A África não é apenas o lugar a partir do qual Fanon pensa. É o próprio tema desse pensamento, bem como a sua matéria. E é à África que ele se dirige em primeiro lugar.” (MBEMBE, p. 15). Teoria essa que vem causando interpretações mundo a fora, principalmente por aludir sobre a libertação e o empoderamento do sujeito que foi e é oprimido. A influência de Fanon reverbera de maneira nítida nos conflitos de libertação em que África lutou contra o contra a dominação portuguesa. As teses de Julius Nyerere (1977) sobre o “socialismo africano” por seus aspectos comunaisistas e aldeãos “são uma resposta indirecta a *Os condenados da terra.*” (MBEMBE, p. 15). O mesmo aconteceria nas lutas contra o *Apartheid* na África do Sul.

Na América, por sua vez, a influência de Fanon, pesa sobre os estudos pós-colônias. A crítica literária tem uma nova abordagem a partir de Fanon: “O texto fanoniano torna-se uma das passagens obrigatórias das novas viagens planetárias da crítica contemporânea, o interlocutor privilegiado que se relê, se refuta ou se completa.” (MBEMBE, p. 17). Desenvolve-se, então, uma crítica na literatura que

reflete questões idenitárias ligadas às minorias sociais, que poderá nos auxiliar, inclusive, no entendimento das relações de classes sociais. Nesse sentido, aproveitaremos as reflexões de Fanon (1997) para entender comportamentos e atitudes sociais dos personagens de Ondjaki, ou seja, como um instrumento aplicado à teoria literária. A partir disso, vamos tentar compreender melhor os procedimentos narrativos e o perfil psicológico dos personagens. Iremos, sobretudo, tratar das relações de poder e de opressão entre eles. Em certos momentos, tais relações chegam a configurar agressões físicas e psicológicas, semelhantes às descritas por Fanon (1997).

DA VIOLÊNCIA VELADA DO OPRESSOR À VIOLÊNCIA EXPOSTA DO OPRIMIDO

*Maria não amava João,
Apenas idolatrava seus pés escuros.
Quando João morreu,
assassinado pela PM,
Maria guardou todos os seus sapatos.*

Lívia Natália (2015)

O cenário em que acontece a estória de Ondjaki tem características diferentes da Argélia colonial que lutava pela independência, na qual, Fanon trabalhou em uma das alas

do hospital psiquiátrico do exército francês e presenciou os fenômenos que o levaram a escrever *Os condenados da terra*, em 1961. Tinha-se, naquele momento, o homem nativo impedido de encontrar-se em seu próprio ambiente, ocupado pelo colono que tornava a existência colonial hostil. Nesse livro, Fanon (1997) é radical e categórico: o colonizado deve estar preparado para a violência. A liberdade deve ser buscada, conquistada e tomada. Com efeito, não pode ser pacificamente oferecida pelo senhor, se assim fosse, não haveria libertação, mas sim alienação. Para Bhabha (1998, p. 70), Fanon representa um pensamento que só conduz à luz após uma imersão na obscuridade, para depois haver a elevação do homem. Ao sentir o choque entre colono e colonizado na Argélia francesa, o psiquiatra martinicano pede demissão do cargo à França alegando que:

Se a psiquiatria é a técnica médica que tem como meta permitir que o homem não se sinta mais um estranho em seu ambiente, devo a mim mesmo a afirmação de que o árabe, permanentemente estrangeiro em seu próprio país, vive em um estado de absoluta despersonificação... A estrutura social existente na Argélia era hostil a qualquer tentativa de conduzir o indivíduo de volta ao seu devido lugar. (FANON apud BHA-BHA, 1998, p. 71)

Fanon viu que o aprisionamento dos pacientes não era apenas em seus transtornos psicológicos, mas estavam presos na condição subumana de colonizados e ao mito da supremacia racial do colonizador que os violentavam, tanto na identidade quanto no corpo. Torturas, mortes e autoritarismo faziam parte do cotidiano da guerra pela libertação. A essa altura, o “exibicionismo” (FANON, 1997, p. 40) do colono, que a todo o momento se dedica em mostrar sua superioridade, faz com que colonizado seja atravessado pela alienação que o torna escravo em sua própria terra.

A Angola de Ondjaki configura uma situação bem diferente. Apesar de se tratar de um país que também sofreu com longos períodos de guerra pela independência – e posterior a ela – *Os transparentes* (2013) nos traz uma sociedade pós-colonial diversa. Não temos aqui a divisão binária entre o colonizador e colonizado, e sim, essa relação dissolvida na comunidade que é composta por ricos e pobres. Moradores de um prédio antigo no centro da cidade de Luanda dividem suas histórias. Cada qual com seu dilema, que causa os efeitos dramáticos do romance. Na trama, Luanda é cenário de um projeto audacioso de exploração do petróleo, que compromete a segurança dos moradores do prédio, já que o solo é furado sob eles. Há também uma constante falta de água nas torneiras, mas nunca nas infiltrações misteriosas do edifício com a entrada sempre alagada. As diferenças de classes sociais são muito bem delimitadas na obra, o que nos leva a fazer um paralelo entre a ficção de

Ondjaki e a realidade testemunhada por Fanon.

Apesar de Fanon falar do contexto argelino, as reflexões desse teórico transcendem o local, servindo de instrumento teórico para pensar toda a colonização em África. Enquanto a situação da Argélia francesa demarcava claramente quem era quem, e apontava para necessidade do confronto entre o opressor e o oprimido, na Luanda literária, essa dicotomia é diluída na “hibridização” (BHA-BHA, 1998, p. 311). Assim como diz o seguinte trecho: “o pós-colonial funde histórias, temporalidades e formações distintas” (HALL, 2003, p. 96). Ora! Outrora, as linhas que separavam as duas partes do movimento colonial eram relativamente simples de serem traçadas. Isso não significa que não há diferenças ou binarismos na sociedade representada em *Os transparentes* (2013). Há! Fanon desenvolveu um livro sobre um determinado momento da história, mas podemos usá-lo para entendermos outras épocas de características diversas, adaptando suas conceituações e categorias. A primeira analogia que deve ficar clara aqui diz respeito à transferência semântica que faremos dos termos “colonizador” e “colonizado” em nossas análises. Ou seja, os sentidos que têm essas palavras dentro do cenário colonial serão atribuídos ao binarismo representado na Luanda pós-colonial por termos como “pobre”, “rico”, “dominador”, “dominado”, “opressor”, “oprimido” e assim por diante. Logo, “a invocação do passado constitui uma das estratégias mais comuns nas interpretações do presente” (SAID,

2011, p. 39). Assim seja, de modo que vestimos o presente com as roupas do passado e elas cabem muito bem.

O que inspira tais apelos não é apenas a divergência quanto ao que ocorreu no passado e o que teria sido esse passado, mas também a incerteza se o passado é de fato passado, morto e enterrado, ou se persiste, mesmo que talvez sob outras formas. (SAID, 2011, p. 39)

A força desse comentário está no êxito de muitas vezes, através da história, o homem obter respostas para questões atuais. A história nos ajuda a não repetir erros ou pelo menos identificá-los. Em *Os transparentes* (2013) existem os dominantes e subalternos mesmo dentro da própria comunidade. A metáfora da transparência, por exemplo, diz respeito aos personagens que representam os pobres que são a todo o momento humilhados ou agredidos pelos poderosos.

– camarada Ministro – o carteiro tocou o Ministro no braço que o sacudiu e retomou a marcha – só queria lhe entregar a carta, pode ser que esteja aqui.

o Carteiro seguia o Ministro em direção ao carro, falando e revisando o seu saco, o GuardaAsCostas surgiu veloz e, mesmo tendo antes aberto a

porta ao Ministro, aplicou ao Carteiro uma queda tão rápida que as crianças não conseguiram mais tarde repeti-la em teatro de imitação – fica aí quieto até o carro começar a não ser mais visto, tas a entender? – falou o GuardaAs-Costas enquanto aplicava uma forte bofetada na face do já estável Carteiro (ONDJAKI, 2013, p. 37)

Na cena acima, observamos a agressão sofrida pelo personagem Carteiro. A violência parte do motorista do Ministro, mas assim como diz outro personagem que testemunhava, o funcionário age com pleno consentimento do seu superior [falaremos mais tarde sobre os guarda-costas dentro da obra]. A questão aqui, é que o exemplo do Carteiro, representa a maneira como ocorre a opressão dentro do romance.

O Carteiro inferiorizado se dirige ao Ministro, durante um encontro casual na rua, para falar-lhe da difícil condição de trabalho em que se encontra, tendo que percorrer longas distâncias caminhando, para realizar sua função, e solicita através de cartas, que distribui entre todas aquelas pessoas que poderiam de alguma maneira ajudá-lo, a aquisição de um transporte motorizado para o seu serviço. Em lugar de alguma atenção por parte do Ministro do governo de Angola, recebe a violência gratuita e é humilhado perante todos os que presenciam.

Avançando um pouco mais dentro do romance, nos deparamos com Santos Prancha, o Assessor do Ministro. Esse personagem demonstra um desejo nítido de ser superior, e pratica essa superioridade sobre seus subordinados. Como é o caso da secretária Dona Creusa. Através dela, o Assessor exerce todo seu poder, humilhando-a para marcar a inferioridade dela perante, como ele mesmo diz, “um Assessor da minha categoria” (ONDJAKI, 2013, p. 102). No trecho a seguir, veremos o abuso de autoridade sobre o qual temos falado.

Dona Creusa, traga mais gelo por favor, já sabe que não gosto de ver este balde de gelo pela metade, não é assim? hum... não quero saber. mande alguém comprar... o quê? mas você acha que eu tenho verba pessoal para gelo do Ministério? faça-se cumprir, Dona Creusa, e não me aborreça o juízo, faça-se cumprir! – desligou o telefone, insatisfeito (ONDJAKI, 2013, p. 91)

Esse diálogo acontece no momento em que o Assessor está em reunião bebendo Whisky e aproveita a ocasião, porque para marcar sua superioridade em relação a outra pessoa é importante que haja testemunha, solicita gelo à secretária. Ela deve largar seja lá o que estiver fazendo ou mandar alguém comprar, com seu próprio dinheiro. Ao cumprir a tarefa, ela aparece e lemos isto:

DonaCreusa bateu à porta e entrou

– *DonaCreusa, stop! – o assessor SantosPrancha pousou o copo com violência – o que é isto?*

– *como assim, senhor Assessor?*

– *então você entra assim?*

– *eu bati à porta, senhor Assessor*

– *mas eu não respondi, pois eu estou aqui numa importantíssima reunião jornalística*

– *mas não pediu...?*

– *a senhora vai se retirar, bater à porta e aguardar calmamente*

– *sim, senhor Assessor – DonaCreusa retirou-se (ONDJAKI, 2013, p.92)*

Alguns segundos após:

DonaCreusa bateu à porta novamente

– *entre! – gritou SantosPrancha*

DonaCreusa abriu a porta devagar

– *vim trazer o gelo, senhor Assessor, posso entrar?*

– *já disse que sim, você está surda? (ONDJAKI, 2013, p. 92)*

O Assessor tem em si o mesmo desejo apontado por Fanon (1997, p. 40): o sonho do colonizado é se tornar colonizador. Para isso, supervaloriza aquilo que é de fora e

menospreza os seus compatriotas. Na leitura do romance, reparamos que Santos Prancha é um alpinista social, e iniciou sua escalada a partir da base da pirâmide, se tornando assessor no ministério devido a laços com o Ministro. Diante disso, ele rejeita tudo que é popular, assimilando a cultura do estrangeiro desde a linguagem que usa até comportamentos corriqueiros, como a maneira de se vestir e suas escolhas éticas: depois da sua ascensão “mudou da cerveja para o whisky e ganhou o hábito de ralhar a sua secretária” (ONDJAKI, 2013, p. 102). Reparem nos diálogos acima, em que ele usa o termo *stop* para interromper a ação de Dona Creusa. Ao usar o inglês, o Assessor expressa sua paixão pelo estrangeiro. Aos Estados Unidos é dada uma supervalorização quando aparece na trama através de um cientista que está na cidade por ocasião da extração de petróleo. Nesse ponto, Ondjaki (2013) representa os Estados Unidos como o grande imperialista responsável pela exploração de outros países para obter o combustível tão precioso:

- *Aquele cientista americano, acho que já te falei dele uma vez... Raago, é um dos mais craques do petróleo, descoberto onde nem as baratas imaginam, foi ele que disse aos timorenses onde estava o precioso líquido*
- *a sério?*
- *sim. e aos são-tomenses, e todos os novos*

lençóis do Brasil foram detetados com base nas técnicas dele (ONDJAKI, 2013, p. 118)

Em Luanda de *Os transparentes* (2013), os fenômenos da natureza, como a exemplo do eclipse solar, têm as seguintes origens de acordo com o senso comum: “coisa de deus ou feitiço dos americanos” (ONDJAKI, 2013, p. 101). Em outro momento, quando o Assessor está estacionado em um local proibido no aeroporto à espera do cientista e é abordado por um guarda que pede para que ele deixe o carro em outro lugar, aparentemente mais distante do desembarque, ele responde: “– não! eu estou aqui à espera de um senhor também importante, um americano! você já viu americano ir a caminhar até o parque lá longe?” (ONDJAKI, 2013, p. 106). Percebamos que a característica que Santos Prancha usa para garantir a importância do homem que espera é o fato desse ser americano.

Essa supervalorização é contrabalanceada pela genialidade do escritor, pois ele cria o cientista sendo negro, quebrando as expectativas daqueles que o esperavam ser um homem branco e de olhos azuis. O motorista do Assessor ao aguardá-lo sem conhecer, no portão de desembarque, via sair pessoas de diferentes cores e abordava os mais claros, mas esses eram mesmo angolanos. Na verdade, “o cientista era um jovem, negro, igual a tantos jovens angolanos, não fosse pela língua inglesa, pelo olhar suado e desesperado, nunca seria identificado pela sua verdadei-

ra nacionalidade” (ONDJAKI, 2013, p. 109). Outro guarda ao questionar novamente a parada do carro ministerial em local inapropriado, SantosPrancha usa novamente o argumento de estar transportando alguém muito importante “um cidadão americano, desses da américa mesmo” (ONDJAKI, 2013, p. 102), mas é imediatamente constrangido pelo senso comum racista que o guarda representa: “esse, com cara de malanjinho?!” (ONDJAKI, 2013, p. 102).

Aqui vemos que o mito da supremacia racial apontado por Fanon (2008, p. 66) em *Pele negra, máscaras brancas*, quando diz que o negro é “escravo de sua inferioridade”, faz com que a importância do cientista tão enfatizada pelo Assessor seja questionada pelo simples fato desse ser negro. Importância, essa, restaurada por se tratar de um negro americano, que pelo que nos aparenta aqui, é superior a um negro angolano. “A espécie dirigente é antes de tudo a que vem de fora, a que: não se parece com os autóctones, ‘os outros’.” (FANON, 1997, p. 30)

SantosPrancha almeja ser também, incontestavelmente, um sujeito importante vestindo algumas máscaras brancas. Em um desses momentos, ele expressa o quão refinado é, e esse refinamento se deve à maneira como se veste, que é o modo como se veste um europeu: “‘roxo fica-me bem, devo ter alguma veia francesa’, usava dizer o Assessor que era um homem de estilo” (ONDJAKI, 2013, p. 101). Vemos como os Estados Unidos e a Europa estão relacionados ao poder sobre o imaginário dos personagens,

identificados como dominadores e imperialistas. Enquanto na Angola e também no Brasil, os indivíduos aparecem com uma identidade fendida de maneira negativa.

Esses indivíduos anseiam se tornar colonizadores e para isso é preciso, de acordo com o mesmo teórico, passar pelo processo de “embranquecimento” (FANON, 2008, p. 36). Outro mecanismo para isso é a linguagem: aquele que quer assimilar a cultura do dominador, jamais usará termos que a massa popular, sobre a qual ele sente-se superior, usa. Quando sua secretária justifica o atraso a um chamado seu, dizendo que foi ao “banheiro”, o Assessor a repreende pelo uso da palavra de origem brasileira: “bom, tudo bem, mas não é preciso dizer ‘banheiro’, que isso são brasileirices da telenovela...” (ONDJAKI, 2013, p. 103).

Esse personagem se comporta como o estereótipo do “negro evoluído” (FANON, p. 40). Ele obteve instrução suficiente para acreditar que sua superioridade se dará no momento em que se aproximar daqueles que são tidos como superiores: os europeus; incluímos, também, os americanos. “Falar uma língua é assumir um mundo, uma cultura. O antilhano que quer ser branco o será tanto mais na medida em que estiver assumindo o instrumento cultural que é a linguagem.” (Idem, p. 50). Santos Prancha tem pouco domínio da língua inglesa, mas comporta-se como se fosse um poliglota.

Outra personagem, a Clara, que também almeja a ascensão social e para isso se relaciona, extra conjugalmente,

com o Ministro, não tem nenhuma empatia pelos mais pobres, rejeitando os hábitos das pessoas do prédio em que mora, pois considera-se superior aos seus vizinhos. “tô farta de dizer que temos de mudar de prédio, não suporto este hábito dos caluandas – reclamou Clara – de grelharem peixe no corredor do prédio” (ONDJAKI, 2013, p. 119). É bastante claro que os moradores do prédio em questão são diferentes daqueles que Clara considera importantes, não é dos peixes grelhados que ela não gosta, mas sim dos próprios moradores.

O Ministro é o grande algoz de Santos Prancha, pois a sua superioridade é invalidada sempre que eles se encontram. O tratamento que o Ministro atribui ao Assessor é similar à maneira como esse último trata sua secretária: tão humilhante quanto. Essa violência é apenas transferida de acordo com as relações, como se fosse uma reação em cadeia.

Poucos instantes depois de humilhar Dona Creusa na presença do jornalista, o Assessor assume o lugar da secretária, inclusive na maneira de falar quando conversa via telefone com o Ministro, que lhe diz para ficar calado e o acusa de falar de mais:

- *sim, senhor Ministro*
- *acho bom. à tarde falamos*
- *com licença, senhor Ministro*
- *pode desligar*

- *não, pode desligar o senhor, senhor Ministro. faça o favor*
- *desliga essa merda, pá, tás a gozar*
- *desculpa, senhor Ministro, desligo já, com a devida licença* (ONDJAKI, 2013, p. 95)

O Assessor, em verdade, é aprisionado em sua inferioridade e é lembrado disso sempre que fala com o Ministro, aquele que é o seu superior. Por isso, surge em si uma cólera, uma tensão, que é aliviada no momento em que ele pratica a mesma violência com outra pessoa. Sobra para a secretária, pois o Assessor está disposto a “abandonar o seu papel de caça para tomar o de caçador” (FANON, 1997, p. 40). Não seria surpresa para nós, que a secretária, por ser tão perseguida pelo seu chefe, sonhasse também se tornar perseguidora. Isso, “porque o último recurso do colonizado é defender sua personalidade diante de seu congênere” (Idem, p. 40).

Lembramos agora o episódio descrito mais acima, em que o Carteiro foi agredido pelo motorista do Ministro. Na luta pela libertação da Argélia, Fanon (1997, p. 28) atribui ao soldado uma relevância que aqui substituiremos pela figura do segurança/motorista/guarda-costas. O exemplo do carteiro deixou bem claro a gratuidade da agressão, mas descreveremos outro, sobre o Cego que acompanha o Vendedor De Conchas até a casa do Ministro para vender conchas do mar a esposa desse. Protegendo o portão da casa, há vários

guardas que não perdem tempo para humilhá-los. O Cego, um senhor com idade avançada, pede um copo de água a um dos guardas, que responde prontamente: “não – falou o guarda – bebes água lá no mar onde vocês apanham as conchas – e saiu a rir” (ONDJAKI, 2013, p. 61). Depois de entrar na casa para chamar a esposa de seu chefe:

o guarda trazia na mão um garrafa de plástico, com água gelada, abriu vagarosamente e ficou a beber mirando as mínimas reações do Cego – sabe o que estou a fazer, mais velho? – falou depois
– hum, sei... – o cego murmurou – e você, sabe o que está a fazer com os outros? (ONDJAKI, 2013, p. 62)

O prazer do guarda está em salientar para o Cego o seu poder sobre ele. Negar a água e depois bebê-la, se deliciando não com o líquido, mas com a sede do outro, mostra o requinte de crueldade que está por trás do desejo do pequeno de ser grande, a ponto de humilhar um mais fraco. A humilhação é a forma que o guarda encontrou de agredir, pois a violência seria fisicamente se não existisse a deficiência do idoso, como diz o próprio guarda: “a tua sorte é que não posso dar bofa num mais-velho Cego, senão ias dançar bungula” (ONDJAKI, 2013, p. 60).

Para Fanon (1997), o colonizador, que aqui substitu-

imos por aquele que está no topo da pirâmide social, representado pelo Ministro, vale-se da força bruta da polícia para praticar a violência mais direta. Em *Os transparentes* (2013), essa violência física fica a cabo dos guardas. Esses manifestam todo o poder do opressor sobre os mais humildes. Lá no livro de Fanon (1997) sobre a Argélia:

O gendarme e o soldado, por sua presença imediata, por suas intervenções diretas e frequentes, mantêm contacto com o colonizado e o aconselham, a coronhadas ou explosões de napalan, a não se mexer. Vê-se que o intermediário do poder utiliza uma linguagem de pura violência. O intermediário não torna mais leve a opressão, não dissimula a dominação. (FANON, 1997, p. 28)

Do mesmo modo, os guardas do romance que lemos atuam. Como intermediários do poder do Ministro, de maneira até mais agressiva, por se tratar de uma violência física. O Carteiro sofreu com a violência velada do próprio Ministro que o negligenciou, tratando-o com desprezo e com a do segurança, através de um soco, que o levou ao chão. O Cego teria essa mesma sorte, não fosse por sua condição de idoso com deficiência visual, mas não deixou de ser humilhado. Algo que deve ficar enfatizado é que o guarda/soldado não é o detentor do poder, apenas o intermediário. Ele está no mesmo nível social que aquele a quem agride.

Comporta-se como uma espécie de capitão do mato.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término da escrita desse trabalho, constatamos a validade do pensamento fanoniano para entendermos fenômenos ocorrentes na nossa contemporaneidade. Na Luan-da de *Os transparentes* (2013) existem formas veladas da violência escancarada que Fanon observou durante sua estadia na Argélia, sobre qual escreveu *Os condenados da terra* (1997).

Concluimos que os condenados são os transparentes. A população oprimida pelo seu governo, pelo assessor do governo, e pela máquina de guerra do governo. Esse mesmo povo, de tanto ser perseguido, também sonha perseguir. O soldado é alguém da comunidade, assim como são também os alpinistas sociais, apesar de julgarem-se superiores. Para não ser inferior, deve-se inferiorizar alguém. Assimila a violência do seu algoz e a usa contra os seus como uma maneira de restaurar sua dignidade, transformando o abuso de poder em uma reação em cadeia, em que um derruba o outro como uma maneira de se erguer. Santos Prancha, os guardas, Clara, talvez Dona Creusa são escravos de suas inferioridades e dos seus anseios pela ascensão. Emergir significa rejeitar a tudo que é da massa e valorizar tudo que é europeu ou americano.

Muda-se o cenário, mas as relações de subordinação,

interiorização e dominação que ocorriam no período colonial, assemelham-se com as que acontecem nas sociedades pós-coloniais. Nas quais, os ricos, brancos ou estrangeiros assumem o lugar do colonizador e em contrapartida, a parte mais vulnerável da sociedade sofre as mesmas violências que sofreram os nativos de terras que foram ocupadas à força outrora pelos europeus.

Ondjaki lida com os reflexos da violência do colonizador para com o colonizado. Através de metáforas, ele representa uma Luanda que emerge da condição colonial, mas que ainda conserva dicotomias na sua estrutura social, que são provenientes da dominação europeia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

FANON, Frantz. *Os condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Editora Civilização brasileira, 1997.

_____. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

MBEMBE, Achille. "Necropolitics". *Public Culture*, vol. 15, n. 1, 2003.

ONDJAKI. *Os transparentes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia de bolso, 2011.

Submissão: 16/01/2018

Aceite: 10/05/2018